

# **“Parabéns aos que beijaram a flor nativa da nossa história”: o Rio Grande do Sul nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro – profissionalização e patrocínio**

Fabrcio Romani Gomes

**RESUMO:** O desfile de homenagens a diferentes estados brasileiros não é uma novidade nas atividades carnavalescas do Rio de Janeiro. Buscando enredos que tivessem como temática o Rio Grande do Sul, encontrei vinte e duas ocorrências entre os anos de 1949 e 2009. A partir deles, pretendo analisar como o estado do extremo sul brasileiro foi cantado nos carnavais, evidenciando o processo de profissionalização nas apresentações das escolas de samba e as possibilidades de patrocínio para o desenvolvimento dos desfiles. Para isso, utilizo como fontes os sambas-enredo produzidos, sinopses e notícias na imprensa sobre os preparativos das agremiações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola de samba; profissionalização; patrocínio.

# **“Congratulations to the ones who kissed the native flower of our history”: Rio Grande do Sul in Rio de Janeiro samba school parades - professionalization and sponsorship**

**ABSTRACT:** The parade of tributes to different Brazilian states is not a novelty in the carnival activities in Rio de Janeiro. Searching for plots wich had Rio Grande do Sul as their theme, I found twenty-two occurrences from 1949 to 2009. From them, I intend to analyze how the state of the Brazilian extreme south was sung in the carnivals, evidencing the process of professionalization in the presentations of the samba schools and the possibilities of sponsorship for the development of the parades. To do that, I use as resources the sambas-enredo produced, synopses and news in the press about the preparations of the samba schools.

**KEYWORDS:** Samba school; professionalization; sponsorship.

## Concentração

Dorotéo Fagundes é um compositor, intérprete, jurado e atração de inúmeros festivais de música nativista no Rio Grande do Sul. Segundo a “Página do Gaúcho”, ele iniciou sua carreira em 1966, e sua participação nos eventos musicais da região é marcada pelo êxito e pela consagração.<sup>29</sup> É dele a frase que intitula este artigo. Ela foi redigida em 2005, em uma coluna publicada pelo jornal “Ponto Inicial”, quando a Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) *Beija-Flor de Nilópolis* consagrou-se campeã do carnaval carioca com o enredo “O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani, sete povos na fé e na dor... Sete missões de amor”. Não era uma novidade o estado do extremo sul brasileiro ser lembrado, ou homenageado, pelas escolas de samba do Rio de Janeiro. Sobre a presença gaúcha como enredo, nos carnavais cariocas, o carnavalesco Fernando Pamplona (1926-2013)<sup>30</sup> fez um comentário interessante em 1984, durante o desfile da *Mocidade Independente de Padre Miguel*, que tinha “Mamãe eu quero Manaus” como enredo naquele ano. Diz ele:

Eu me lembro que eu dizia sempre, enredo é do Rio pra cima até chegar São Luís do Maranhão. Pra Amazônia já não tem enredo de escola de samba porque escola de samba vestida de índio não é escola de samba. E pro sul do Brasil ficava um negócio meio difícil da gente fazer. São Paulo permitia com muito (...) negócio de bandeirantes. Negrinho do Pastoreio não dá enredo não. Rio Grande do Sul não dá carnaval. Eu fixei assim. Principalmente Minas dava muito carnaval pra mim. Rio de Janeiro, Bahia. Pro Nordeste a gente puxava já com certa dificuldade determinada visão do que fosse o enredo. Entretanto contrariando esse princípio, que era um princípio boboca, limitativo, meu, limitado, de antolhos, sem o espírito de criatividade que permite transformar em enredo todas as possibilidades de expressão nacional, o Fernando Pinto (1945-1987)<sup>31</sup> mostrou aqui como se faz um enredo completamente rico de fantasias, diversificado do princípio ao fim, com uma evolução constante, com um carnaval extraordinário dentro do espírito dele de brasilidade e de tropicalismo, um carnaval só baseado em índios, com muita floresta, com muita (...).<sup>32</sup>

Pamplona, figura de destaque entre carnavalescos, comenta sobre algo que ele chegou a pensar quando atuava mais diretamente na produção de desfiles. Enredo sobre o Rio Grande do Sul “ficava um negócio meio difícil”! Complementou, dizendo que chegou a acreditar que o

---

<sup>29</sup> Informações fornecidas pela **Página do Gaúcho**. Disponível em: <https://bityli.com/SnSNB> Acesso em: 04.03.2021.

<sup>30</sup> Sobre Fernando Pamplona, Vinícius Natal e Felipe Ferreira (2021, p. 107), informam que “é recorrente na bibliografia sobre escolas de samba, que se credite a ele o primeiro movimento de renovação estética do carnaval, conhecido como Revolução Salgueirense, a partir de sua atuação como carnavalesco nos Acadêmicos do Salgueiro, em 1960, marcada pela aproximação entre a Escola de Belas Artes e o mundo das escolas de samba”.

<sup>31</sup> Considerado um carnavalesco tropicalista, Fernando Pinto ganhou destaque no GRES Império Serrano e na GRES Mocidade Independente de Padre Miguel nos anos 1970 e 1980.

<sup>32</sup> Comentário de Fernando Pamplona durante transmissão do desfile da GRES *Mocidade Independente de Padre Miguel*, em 1984, disponível no canal do YouTube **Memória Mocidade** através do link: <https://bityli.com/SxQMu> a partir dos 4’46”. Consulta dia 06.02.2021.

Rio Grande do Sul “não dá carnaval”. Isso poderia limitar a criatividade dos artistas que atuavam na produção do desfile. Porém, ao buscar informações sobre como o estado sulino entrou no samba fluminense, fui surpreendido com a produção de desfiles com essa temática desde o final dos anos 1940. Esses enredos entram na lógica de negociação do processo de institucionalização dos desfiles das escolas de samba através do carnaval. Podem ser entendidos como parte do projeto, iniciado nos anos 1930, que buscava “fortalecer a importância da contribuição das escolas ao ‘imprimir o cunho essencial de brasilidade’ em ‘nossa festa máxima’”. Em momento marcado pelo nacionalismo, nada mais adequado. Fazia parte da estratégia dos próprios sambistas rumo ao reconhecimento” (AUGRAS, 1998, p. 43). Assim, como sugere Monique Augras (1998, p. 151), “a louvação às diversas regiões do Brasil faz parte do empreendimento patriótico”. Porém, com o passar dos anos, esses enredos entendidos como “patrióticos” passam a ser percebidos dentro da lógica dos enredos patrocinados, podendo auxiliar financeiramente as escolas de samba na construção de seus carnavais, contribuindo para a conquista do título.

Dessa forma, através das homenagens ao Rio Grande do Sul, busco elementos que evidenciem esse processo de transformação nas escolas de samba, o que permite que elas, no início do século XXI, sejam identificadas como instituições que promovem uma prática cultural digna de investimentos públicos, para além daqueles oferecidos pelo Estado e municípios do Rio de Janeiro. Sendo assim, divido o artigo em duas partes. Na primeira, serão tratados os desfiles com perfil patriótico, entre os anos 1949 e 1977. Finalizo essa primeira parte com o carnaval da Unidos do Cabuçu, porque sua narrativa evidencia o conflito entre bandeirantes, jesuítas e indígenas, contrariando a perspectiva de Luiz Felipe Baêta Neves (1979, p. 66) que percebe nos sambas-enredo a “harmonia” e a “cordialidade” brasileira, invisibilizando conflitos internos. A partir dessas primeiras homenagens será possível perceber a consolidação das escolas de samba no cenário artístico cultural brasileiro através de diferentes transformações ocorridas na preparação e na execução dos desfiles. Então, no “Setor 1: Rio Grande do Sul seleiro da pátria”, a base das discussões é oferecida pelos seguintes desfiles:

#### **RIO GRANDE DO SUL NAS ESCOLAS DE SAMBA DO RJ (1949-1977)<sup>33</sup>**

<b>ANO</b>	<b>ESCOLA DE SAMBA</b>	<b>ENREDO</b>
1949	Manda Quem Pode	Festa da Uva no Rio Grande
1951	Aprendizes de Lucas	Festa da Uva – Homenagem ao Rio Grande do Sul
1951	Trovadores do Maracanã	A Festa da Uva
1956	Aprendizes de Lucas	Paisagens do Sul
1956	Beija-Flor de Nilópolis	O gaúcho
1958	União do Catete	Homenagem ao gaúcho
1958	Aprendizes da Gávea	Anita Garibaldi
1963	Unidos de Padre Miguel	Costumes e tradições do Rio Grande do Sul
1964	Unidos da Tijuca	Homenagem ao Rio Grande do Sul
1966	Acadêmicos do Engenho de Dentro	Costumes e tradições do Rio Grande do Sul
1967	Unidos do Uraiti	Festa da Uva

<sup>33</sup> Quadro elaborado a partir de informações fornecidas pela página **Galeria do Samba**. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/>

1968	Em Cima da Hora	Anita Garibaldi, amor e revolução
1970	Unidos de Vila Isabel	Glórias gaúchas
1972	Unidos de São Carlos	Rio Grande do Sul na festa do Preto Forro
1977	Unidos do Cabuçu	Os Sete Povos das Missões

Na segunda parte da análise, “Setor 2: Rio Grande do Sul como fonte patrocinadora”, serão convocados os desfiles ocorridos a partir de 1978, quando a GRES *Caprichosos de Pilares* canta o enredo “Festa da Uva no Rio Grande do Sul”, dando início às possibilidades de patrocínio. São sete os desfiles encontrados para a análise:

#### RIO GRANDE DO SUL NAS ESCOLAS DE SAMBA DO RJ (1978-2009)<sup>34</sup>

ANO	ESCOLA DE SAMBA	ENREDO
1978	Caprichosos de Pilares	Festa da Uva no Rio Grande do Sul
1981	Tupy de Brás de Pina	Negrinho do Pastoreio
1994	Mocidade Unida de Santa Marta	Um passeio pelos pampas
1996	Unidos de Vila Isabel	A heroica cavalgada de um povo
2002	Caprichosos de Pilares	Deu pra ti! Tô em alto astral! Tô com Porto Alegre, trilegal!
2005	Beija-Flor de Nilópolis	O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani, sete povos na fé e na dor... Sete missões de amor
2009	Inocentes de Belford Roxo	Do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro a Inocentes canta: Brizola, a voz do povo brasileiro

#### Setor 1: Rio Grande do Sul seleiro da pátria

Para esta primeira parte da análise, foram localizados quinze desfiles realizados pelas escolas de samba do Rio de Janeiro que trataram de temas relacionados ao Rio Grande do Sul. Pelo título dos enredos podemos perceber que algumas escolas fizeram escolhas bem objetivas para seus desfiles, como o caso daquelas que focaram na “Festa da Uva”, enquanto outras tentaram mergulhos mais profundos, trazendo os “Costumes e Tradições do Rio Grande do Sul”. Conforme sugeriu Augras (1998), entendo aqui esses desfiles dentro de uma perspectiva patriótica, de “louvação” das belezas do Brasil que se espalham por todo o território. Outros estados, no período, também tiveram a honra de serem cantados nos carnavais pelas escolas de samba. Trazendo os enredos sobre o Rio Grande do Sul vamos analisar o processo que possibilitou a escola de samba transformar-se em uma instituição cultural que recebe investimentos para promover e propagandear outros estados, além do Rio de Janeiro.

Iniciamos nosso “desfile” em 1949, ano em que a escola de samba *Manda Quem Pode* trazia como enredo “A Festa da Uva no Rio Grande”. O tema se refere a uma das grandes festas ocorridas no estado, mais especificamente na cidade de Caxias do Sul. Localizada no nordeste sul-rio-grandense, a festa tem como principal característica a rememoração da “saga”

<sup>34</sup> Quadro elaborado a partir de informações fornecidas pela página **Galeria do Samba**. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/>

dos imigrantes italianos que chegaram na região no final do século XIX, através da política imperial que promoveu o ingresso de população branca<sup>35</sup> no país. Nos meses que antecederam o desfile, a escola da “Zona Leopoldinense” teve problemas. Seus dirigentes viram-se “forçados a comparecerem à Ordem da Polícia Política e Social a fim de prestarem declarações, pois havia uma queixa de que os mesmos eram comunistas” (A MANHÃ, 01.10.1948, p. 11)<sup>36</sup>. A Guerra Fria estava presente no mundo do samba. Porém, em 1947, a *Manda Quem Pode* já estava tratando da sua filiação junto à Federação Brasileira das Escolas de Samba (FBES) (A MANHÃ, 28.02.1947, p. 13). Essa organização havia sido criada para se contrapor à União Geral das Escolas de Samba (UGES), que apoiou um desfile fora de época, em 1946, “patrocinado pelo jornal *Tribuna Popular*<sup>37</sup>, órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro, recém-legalizado” (AUGRAS, 1998, p. 60). Essa “guerra” vai tornar “obrigatório nos enredos o motivo nacional” a partir de 1947 (AUGRAS, 1998, p. 63).

Já, em dezembro de 1948, é destacado que a escola de samba estava encontrando “apoio nos moradores da Rua Paranhos”. Entre os destaques da *Manda Quem Pode* estava Arlete Pereira, “uma das porta-bandeiras”, considerada “bem simpática”. A disposição da escola era “‘ir pra cabeça’, em 49” (A MANHÃ, 29.12.1948, p. 11). Contava “com elementos do quilate de um Vieira, ‘Português do Samba’ e outros renomados batuqueiros” (A MANHÃ, 21.01.1949, p. 9). E, no “tradicional Banho de Mar na praia de Ramos, onde todas as agremiações apresentaram “painéis em homenagem ao governador da cidade, general Mendes de Moraes”, a escola sagrou-se campeã (A MANHÃ, 08.02.1949, p. 11). Para a produção do desfile e “ir pra cabeça”, representantes da escola foram receber o pagamento destinado às escolas filiadas à FBES para “o desfile oficial da Prefeitura”, que foi “realizado na Av. Presidente Vargas”. A *Manda Quem Pode* garantia recursos para preparar seu enredo “Festa

---

<sup>35</sup> A população branca a que me refiro neste texto possui relação com o processo migratório do século XIX que trouxe para o Rio Grande do Sul imigrantes de diferentes nacionalidades europeias, em especial alemães e italianos. Como sugere Lourenço Cardoso (2017, p. 189), “o branco imigrante, ou mais concretamente, o italiano e o alemão, é mais valorizado que o português. Se compararmos o branco italiano ao português, o italiano será considerado mais branco, branco-branco. O ibérico é considerado uma das razões para o nosso atraso histórico”.

<sup>36</sup> Farei uso de periódicos impressos como fontes importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Para isso, o trabalho com esse material ocorreu de forma setorial, pois foram definidas “seções mais específicas para incidir a investigação” (BARROS, 2019, p. 222). Dessa forma, a partir da identificação de realização de desfile com temática relacionada ao Rio Grande do Sul, buscou-se nos periódicos informações sobre a apresentação realizada nas seções de cobertura carnavalesca, possibilitando a identificação daquilo que foi considerado positivo para o desfile ou, por outro lado, aspectos considerados negativos. Assim, ao incorporar a fonte jornalística foi possível perceber a transformação nos mais diversos setores que envolvem a apresentação, acompanhando a sua valorização ou desvalorização com o passar dos anos, entendendo esse tipo de imprensa como importante formador de opinião pública no período analisado.

<sup>37</sup> Segundo Valéria Lima Guimarães (2009, p. 24), “a *Tribuna Popular* destacou-se por seu importante esforço em se aproximar das escolas de samba, por intermédio de sua entidade representativa, a União Geral das Escolas de Samba. As relações pareciam sólidas (não fosse a forte repressão que o Partido sofreria nos anos seguintes), chegando a *Tribuna Popular* a se intitular o veículo oficial das escolas de samba e tomando a frente da organização dos desfiles em parceria com a UGES, com o célebre desfile de novembro de 1946, em homenagem ao *Cavaleiro da Esperança*”.

da Uva no Rio Grande” (A MANHÃ, 26.02.1949, p. 11). Sua colocação não concretizou as expectativas, ficou em 15º lugar, com 83 pontos (A MANHÃ, 04.03.1949, p. 13).

A festa dos gaúchos, realizada desde os anos 1930, voltou aos desfiles do Rio de Janeiro em 1951. Dessa vez, em dose dupla. A *Trovadores do Maracanã* é apresentada como uma escola de samba jovem que “será uma grande rival para as escolas renomadas, uma vez que seu enredo é dos mais originais e sugestivos” (A MANHÃ, 09.01.1951, p. 11). Nos preparativos para a divulgação do enredo, a agremiação “promoveu, em seu terreiro de samba, uma grandiosa festividade que culminou com a coroação de sua Rainha, a srta. Creuza Garcia Moreira, eleita recentemente em plebiscito” (A MANHÃ, 30.01.1951, p. 13). Já era fevereiro quando foi anunciado o enredo “A Festa da Uva” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 04.02.1951, p. 12). Mas o sucesso de 1951 ficou por conta da *Aprendizes de Lucas*.

Conhecida como a “mais famosa Escola de Samba Leopoldinense”, a *Aprendizes* também investiu no tema. O enredo “Festa da Uva – Homenagem ao Rio Grande do Sul” chega ao vice-campeonato de 1951. Esse resultado já pode indicar uma profissionalização dos desfiles. Para o carnaval de 1950, a escola já havia contratado “artistas para prepararem os seus enredos”, que eram “os consagrados cenógrafos Otávio Marques e Manoel Pinto” (A MANHÃ, 08.01.1950, p. 7 e 11).<sup>38</sup> Além desses profissionais, a escola contava com compositores de sucesso. Lourival Faissal e Manoel Santana, “o consagrado compositor da E. S. ‘Aprendizes de Lucas’”, apresentaram para o carnaval de 1951, “na voz [maravilhosa] de Marlene, a Rainha do Rádio<sup>39</sup>, dois novos sucessos intitulados ‘Para o inferno ou para o céu’ e ‘Peço licença’” (A MANHÃ, 05.11.1950, p. 12). Existia a previsão de que Manoel atingisse o mesmo sucesso de 1950 com “Se é pecado sambar”. A qualidade dos sambistas da agremiação poderia explicar “a confusão por causa dos sambas” inscritos para o carnaval de 1951 (A MANHÃ, 02.02.1951, p. 14). A disputa pode ter sido acirrada. Sobre o desfile, a imprensa destacou:

Abrindo o seu desfile, vinha uma baiana com 3 metros de altura, seguindo-se, logo após, uma comissão representando nossos gaúchos. Prosseguindo a exuberante apresentação a famosa escola de “Cartola” vinha uma comissão de rapazes trajando gabardine verde, seguida da primeira e segunda comissões de moças e quatro gaúchos tipicamente trajados. Apresentou ainda, duas alegorias muito bonitas e originais. Foi, sem dúvida alguma, uma das escolas que melhor se apresentou (A MANHÃ, 08.02.1951, p. 11).

E veio o vice-campeonato! Naquela época, as escolas realizavam diversas atividades. Além do “Banho de Mar”, como referido anteriormente, em 1951, foi realizada a “4ª Parada

---

<sup>38</sup> Não se pretende indicar pioneirismos em relação aos diferentes trabalhos desenvolvidos para a construção de um desfile. Mas, cabe indicar a presença do artista Miguel Moura, formado pela Escola de Arte Bernardelli, na preparação dos desfiles da escola de samba *Depois Eu Digo*, desde 1935 (NATAL; FERREIRA, 2021, p. 105).

<sup>39</sup> Como sugere Siqueira (2012, p. 50-51), “o desenvolvimento da indústria fonográfica no país beneficiou-se fundamentalmente da arte e/ou cultura de artistas pobres e negros, para construir seu mercado. E a possibilidade de uma vida com menor carência levou aqueles artistas a vender o seu trabalho, fosse na criação, fosse na gravação”.

Extra do Samba”. Esse evento foi realizado “em homenagem ao exmo. sr. Presidente da República”. Durante o desfile, a *Aprendizes de Lucas* “ofertou ao nosso matutino um lindo quadro contendo a fotografia do sr. Getúlio Vargas, pintada a óleo” (A MANHÃ, 27.03.1951, p. 15). A negociação das escolas com seus incentivadores fica evidente nessa troca de “carinhos”. Anos antes, o sambista da *Aprendizes*, Rubens Soares da Silva, mais conhecido como “Pemba”, destacou como “verdadeiros amigos do samba” figuras ligadas aos poderes executivo e legislativo, como o “General Mendes de Moraes, Irênio Delgado<sup>40</sup> e José Moreira Coelho” (A MANHÃ, 06.01.1950, p. 12). Na “4ª Parada Extra”, a “Escola Elite da Federação” teve como destaque sua obra musical!

O samba, cujo autor é o conhecido Manoel Santana, vinha condizente com o enredo apresentado, como bem o diz o seu título: “Festa da Uva”. Como na escola que a antecedeu, todos os componentes da “Aprendizes de Lucas” vinham fantasiados a caráter, obedecendo o tema apresentado como enredo, destacando-se um “tour” de gaúchos típicos (A MANHÃ, 27.03.1951, p. 15).

Esse elogiado samba-enredo foi um dos que foi localizado. Na primeira parte, ele parabeniza o Rio Grande do Sul “Pela proeza meritória / De conquistar uma vitória / No campo da produção”. E segue, na segunda parte, demonstrando felicidade, “Porque meu país / Dá-me a satisfação / De ver / Que o trabalho domina / A cidade sulina / Para o bem da nação / Festa da Uva / Espelho fiel / De como o gaúcho / Faz bem seu papel / Ergo a taça / Com o vinho que tens / Para lhe dar / Parabéns”<sup>41</sup>. A cidade trabalhadora demonstra o quando o gaúcho faz bem o seu papel para o crescimento da nação. Uma narrativa de acordo com os pressupostos da época de exaltar as grandezas do país, sua natureza, terra fértil e povo trabalhador. Nessa primeira parte, ainda temos, em 1967, a escola de samba *Unidos do Uraiti*, que dispunha de uma “quadra na Estrada do Barro Vermelho, 1.070” (LUTA DEMOCRÁTICA, 11 e 12.02.1968, p. 8), que apresenta no Grupo 3 o enredo “Festa da Uva”<sup>42</sup>.

Explorando mais que a Festa da Uva, a *Aprendizes de Lucas* volta ao Rio Grande do Sul. No carnaval de 1955, a escola recebeu críticas com o enredo escolhido. A imprensa considerou a homenagem ao “Fruto Proibido” “um enredo esquisito” e afirmou: “Não acreditamos no tema, embora tenha recursos para conquistar o primeiro lugar”. Esses recursos seriam os “ótimos dirigentes” e a “bateria bem treinada” (A NOITE, 19.02.1955, p. 15). Em 1956, a escola “entrou disposta a arrebatá-lo o título de campeã”, “numa homenagem à gente gaúcha” (A NOITE, 15.02.1956, p. 3). O samba-enredo, com autoria de Elton Medeiros, Joacyr Santana e Tião Pinheiro, dava o tom patriótico, mais uma vez:

---

<sup>40</sup> Era uma “liderança entre os trabalhadores do Cais do Porto, amigo de mestre Fuleiro, mas também amigo pessoal do prefeito do Distrito Federal, homem ligado ao presidente Dutra” (SANTOS, 2006, p. 119).

<sup>41</sup> **Festa da Uva – Homenagem ao Rio Grande do Sul**, samba-enredo 1951, GRES *Aprendizes de Lucas*. Compositor: Manoel Santana. Disponível em: <https://bitly.com/KGdjs> Acesso em: 16.02.2019.

<sup>42</sup> **Festa da Uva**, informações sobre o desfile 1967, GRES *Unidos do Uraiti*. Disponível em: <https://bitly.com/wLaGr> Acesso em: 16.02.2019.

[...] Toda a natureza resplandece alegremente / Em louvor do nosso poderoso onipotente / Tudo isso sob um majestoso céu de anil / Eis a paisagem do Sul do meu Brasil / Oh! Rio Grande do Sul / És um baluarte da fronteira / Esta terra hospitaleira / De videiras e trigais / Solo de riquezas fenomenais / Teus campos de imensos rebanhos / Contribuem para nossa emancipação / Largo sorriso aguarda o forasteiro / Suculento churrasco e o gostoso chimarrão (A NOITE, 10.02.1956, p. 16).

Naquele ano, a *Beija-Flor de Nilópolis*, também se aventurou no tema. Em 1955, a escola tinha recebido algumas críticas: “fraco seu mestre-sala e sua porta-bandeira”; “sua primeira alegoria muito ruim, as demais, apenas regulares” (DIÁRIO DA NOITE, 23.02.1955, p. 4). Já em 1956, “apresentou quatro alegorias passáveis. Seu corpo de baianas, ricamente trajado. Seu enredo foi uma saudação ao povo riograndense do Sul, intitulava-se ‘Gaúcho’” (A NOITE, 15.02.1956, p. 3-4). Dois anos depois, a *Unidos do Catete* teve como enredo “O Gaúcho”, “a história dos homens do campo do Rio Grande do Sul” (DIÁRIO DA NOITE, 19.02.1958, p. 5). Para a apresentação, a escola “realizou, [...], em sua sede (Rua Tavares Bastos, 92, no Catete), mais um ensaio geral para o grande desfile de domingo”. Nas informações sobre o ensaio, ganharam destaque “as fantasias com o tema ‘Coisas de Gaúcho’, [os] carros alegóricos ricamente ornamentados” e a entoação de “sambas em homenagem ao presidente JK” (DIÁRIO CARIÓCA, 02.02.1958, p. 7).

Nos anos 1960, acontecia no Rio Grande do Sul a oficialização do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que a partir de 1966 passou a organizar a associação de entidades tradicionalistas existentes. Anos antes, em 1963, o estado voltaria aos desfiles:

A Escola de Samba Unidos de Padre Miguel, que já foi campeã, espera voltar a vencer no desfile deste ano, na Av. Rio Branco. Sairá com um conjunto de 600 figuras, com 26 alas: bateria com 60 ritmistas; três carros alegóricos. **Costumes e tradições gaúchas** será o tema dos sambistas de Padre Miguel, tendo o carro-chefe um gaúcho levando boi para sangria (JORNAL DO BRASIL, Primeiro Caderno, 27.01.1963, p. 17).

Era uma jovem escola, fundada no final dos anos 1950, que já havia concedido alguns anos antes desse desfile ao “deputado Tenório Cavalcanti, candidato ao Governo da Guanabara, [...] o título de sócio benemérito do GRES Unidos de Padre Miguel” (LUTA DEMOCRÁTICA, 17.06.1960, p. 3). A relação com políticos fica ainda mais evidente quando a escola tem como presidente “o vereador Valdemar Viana” (LUTA DEMOCRÁTICA, 02.09.1960, p. 8). No ano anterior à homenagem ao Rio Grande do Sul, “em face das dificuldades financeiras que atravessava, a escola procurou apoio no comércio do bairro, tendo para isso lançado o concurso das “Bonecas” (CORREIO DA MANHÃ, 17.10.1961, p. 9). No desfile de 1959, para participar do supercampeonato na Cinelândia, a escola já havia gastado “mais de Cr\$ 1 milhão”, antes de ter recebido a subvenção oficial. Naquele ano, também apostava em “inovações”. Além de contar com “a porta-estandarte Lírica e a baliza Célia de Oliveira (a



recordista de pontos nos desfiles da Praça Onze)”, a escola informava que Dico (pandeiro), João do Prato (tamborim) e Moreno (chocalho), “além de executar seus instrumentos, irão sambar, como mestre-salas. As Escolas de Samba costumam manter os seus bateristas sem sambar, mas a Unidos de Padre Miguel fará a experiência, aproveitando a classe dos três bateristas como assistentes” (JORNAL DO BRASIL, 28.02.1960, p. 9). Embora não se tenha maiores informações a respeito do desfile sobre os gaúchos, a partir dessas informações percebe-se o investimento da agremiação buscando maior destaque em suas apresentações.

Já a *Unidos da Tijuca* chega até as homenagens ao Rio Grande do Sul em 1964. Nesse ano, ela é uma das protagonistas na reportagem intitulada “Povo deve apoiar pequenas escolas de samba para a tradição não morrer”. Ela estaria disputando o “campeonato intermediário” e é exemplo entre as escolas “que já tiveram fase áurea, mas por forças das circunstâncias estão, atualmente, no ostracismo”. Entre os motivos dessa situação, a ação dos dirigentes é colocada como importante. Além disso, “contra essas [agregiações] existem vários fatores, tais como a localização das sedes e ‘terreiros’ de ensaios, situação econômica dos componentes etc.” (CORREIO DA MANHÃ, 27.12.1964, p. 16). A escola do Morro do Borel que viu o crescimento de Rubem Souza de Azevedo, que “carregava as gambiarras” da escola durante o carnaval e, após vencer disputas de samba-enredo, “entrou para o rádio e televisão”, abandonando a profissão de vendedor ambulante”, tentava voltar a ser grande (JORNAL DO BRASIL, Caderno B, 24.05.1963, p. 2). O enredo “Tradição, Glória do Rio Grande do Sul” entrava nesse projeto, junto com a inauguração de uma nova sede, “na Rua São Miguel, 430”, que custou “Cr\$ 4 milhões” (JORNAL DO BRASIL, Caderno B, 28.08.1964, p. 5).

A *Acadêmicos do Engenho de Dentro*, em 1966, faz a sua participação com “Costumes e Tradições do Rio Grande do Sul”<sup>43</sup>. Sobre o desfile, poucas informações. Mas, entre os principais valores da escola estava “a grande união que existe entre os [...] responsáveis pela agremiação – Jurandir, Aragão, Ernani, Laércio e Osmar – principais diretores que tudo sacrificam pela vitória da escola” (LUTA DEMOCRÁTICA, Segundo Caderno, 19 e 20.01.1964, p. 1-2). Já em 1970:

Ano novo, vida nova. Mas, no GRES Unidos de Vila Isabel, os irmãozinhos continuam os mesmos: Ribamar Correa de Souza, o **pensador** e Valdemir Garcia, o Miro, recebendo os convidados com fidalguia e explicando o enredo Glórias Gaúchas que, hoje e amanhã à noite, será mostrado em ritmo de samba na quadra da Rua Teodoro da Silva, 631. Com Martinho na jogada (LUTA DEMOCRÁTICA, 01 e 02.01.1970, p. 5, grifos no original).

O samba escolhido para o desfile era de Martinho da Vila, e a escola contava com “os carnavalescos Castelo Branco e Bittencourte [que] trabalham com carinho, supervisionados pelo Ribamar Correia de Souza”. Naquele ano, também “o relações-públicas Vilmar Miranda, o *Cacau*, que não é diplomado”, acertou os detalhes para exibição de fantasias “nas vitrines da

---

<sup>43</sup> **Costumes e tradições do Rio Grande do Sul**, informações do desfile 1966, GRES Acadêmicos do Engenho de Dentro. Disponível em: <https://bitly.com/MbuRi> Acesso em: 16.01.2019.

Lufthansa, no edifício Avenida Central” (LUTA DEMOCRÁTICA, 06.01.1970, p. 5). No samba-enredo, “Martinho apresenta uma nova mudança: tenta tornar mais íntimo um samba de escola, fugindo de palavras rançosas para usar uma linguagem que atingia o público mais diretamente” (JORNAL DO BRASIL, Primeiro Caderno, 04 e 05.01.1970, p. 19). Além de fazer referência à lenda do Negrinho do Pastoreio, o samba-enredo destaca:

Desfila a Vila novamente incrementada / E desta vez tem Rio Grande na jogada / Com suas glórias e tradições / Suas histórias e seus brasões / Tem gaúcho lá nos pampas que não é de brincadeira / Estadistas de nome já nos deu esse torrão / Foi rainha da beleza, farroupilha hospitaleira / É a terra da videira, do churrasco e chimarrão [...].<sup>44</sup>

Além de ser uma terra hospitaleira, de grandes estadistas, o Rio Grande do Sul segue sendo a terra da videira, do churrasco e do chimarrão. Como diferencial nessas apresentações, podemos pensar a presença de uma “heroína”.

Anita Garibaldi pode ter sido uma grande novidade nesses enredos! Em 1958, a *Aprendizes da Gávea* apresentou um desfile sobre ela e teve certa dificuldade: “inúmeras moças preferirem sair, no carnaval, na comissão de damas, e não na comissão de guerreiras”. Para tentar resolver o impasse, a escola decidiu auxiliar financeiramente “a comissão de guerreiras”, fazendo um “apelo aos moradores do bairro e da zona sul para ajudarem com suas contribuições” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30.01.1958, p. 2). Já, em 1968, na Rua Zeferino Costa, 665, as “pastoras, passistas e sambistas” da *Em Cima da Hora* cantavam “o bonito samba-enredo ‘Anita Garibaldi – Amor e Revolução’” (LUTA DEMOCRÁTICA, 07.02.1968, p. 8). Na letra, ela é vista como “estrela ao máximo brilhante” da Guerra dos Farrapos e ainda se destaca como: “Símbolo da bravura Farroupilha / Heroína de dois mundos / Heroína de duas bandeiras”<sup>45</sup>.

Fugindo um pouco das videiras, da hospitalidade, do churrasco e do chimarrão, a *Unidos do Cabuçu* apresentou em 1977 o enredo “Os Sete Povos das Missões”. No samba-enredo aparecem referências às “terras férteis”, “onde irmanado” o povo “trabalha pra vencer”, surge “o valente cacique Sepé Tiaraju”<sup>46</sup>. Embora seja difícil marcar pioneirismos, parece que é a primeira vez que se destaca a presença indígena nos pampas. Segundo a imprensa, “o tema, na verdade, foi mal desenvolvido” e “sequer apresentou alegorias dignas do seu acesso ao grupo principal” (LUTA DEMOCRÁTICA, 24.02.1977, p. 3). Quem sabe, uma outra visão sobre o Rio Grande do Sul tenha atrapalhado o entendimento do tema. Ainda, nos anos 1970, o Rio Grande do Sul, com “seu folclore” e “sua gente”, será convidado pela *Unidos de São Carlos*

---

<sup>44</sup> **Glórias gaúchas**, samba-enredo 1970, GRES Unidos de Vila Isabel. Compositor: Martinho da Vila. Disponível em: <https://bityli.com/FsQso> Acesso em: 16.01.2019.

<sup>45</sup> **Anita Garibaldi – Amor e revolução**, samba-enredo 1968, GRES Em Cima da Hora. Compositores: Dinoel e Jair Torrada. Disponível em: <https://bityli.com/MTNAk> Acesso em: 16.01.2019.

<sup>46</sup> **Os Sete Povos das Missões**, samba-enredo 1977, SERES Unidos do Cabuçu. Disponível em: <https://bityli.com/yCCLQ> Acesso em: 16.02.2019.

para a “festa do Preto Forro”<sup>47</sup>. Para esse desfile, “o carnavalesco José Coelho, [...], estará, [...], viajando para o Rio Grande do Sul, onde irá buscar subsídio para o enredo do Carnaval 72” (LUTA DEMOCRÁTICA, 14.12.1971, p. 4). Esse subsídio, a princípio, não é financeiro, pode se referir à pesquisa, à busca de informações sobre o estado para ser representado no desfile. Mas, o primeiro enredo considerado patrocinado pode ter sido sobre o Rio Grande do Sul.<sup>48</sup>

## Setor 2: Rio Grande do Sul como fonte patrocinadora

Percorrendo esses primeiros enredos sobre o Rio Grande do Sul, podemos perceber que o desfile das escolas de samba vai se profissionalizando. Mestre-Sala e Porta-Bandeira, cenógrafos, compositores, “batuqueiros”, alegorias, carnavalescos, “relações-públicas” são alguns exemplos do crescimento dessas agremiações em quantidade de componentes e em importância, fortalecendo seu espaço e participação. Para garantir os recursos necessários para apresentar um desfile considerado bom e concorrer ao título, os investimentos foram aumentando. A subvenção pública era importante e podemos perceber isso na relação que as instituições possuem com presidentes, governadores, prefeitos, deputados e vereadores. Os interesses eram mútuos. E nessa negociação a homenagem ao Rio Grande do Sul sofre influências, principalmente, em suas *formas de composição*, observadas nos sambas-enredo. Como lembra Williams (2014, p. 2),

Há diferenças relativamente óbvias e relativamente sutis na prática da escrita em períodos diferentes, e elas se propagam em indivíduos distintos. Na gramática, na ortografia, em vocabulários efetivos, na estrutura e na composição das frases, há mudanças sociais e históricas observáveis. (...). Se examinarmos também os diferentes métodos de contar uma história, escrever uma peça ou apresentar um argumento, torna-se evidente que há uma história importante das *formas de composição*.

Os sambas-enredo utilizados para homenagear o Rio Grande do Sul não foram encontrados em sua totalidade. Mas podemos perceber, entre os encontrados, o estado

---

<sup>47</sup> **Rio Grande do Sul na festa do Preto Forro**, samba-enredo 1972, GRES Unidos de São Carlos. Compositores: Nilo Mendes e Dário Marciano. Disponível em: <https://bityli.com/jxPrU> Acesso em: 16.01.2019.

<sup>48</sup> Para Rachel Valença e Suetônio Valença (2017, p. 256), “Samba, suor e cerveja, o combustível da ilusão” enredo apresentado pelo GRES Império Serrano em 1985, “acabou sendo o primeiro enredo patrocinado da história do carnaval”. Nei Lopes e Luiz Antonio Simas (2017, p. 216) no verbete *patrocínio* da obra **Dicionário da História Social do Samba**, comentam que “em 1985, com o enredo ‘Samba, suor e cerveja’, o Império Serrano explicitava o patrocínio de uma marca da indústria de bebidas”. Não indicam o pioneirismo da escola nesse sentido, mas destacam a presença das possibilidades de patrocínio e os debates gerados pela prática. Para Luiz Anselmo Bezerra (2018, p. 105-106), “existe consenso no meio carnavalesco e entre os principais estudiosos a respeito do enredo de 1995 da Imperatriz Leopoldinense, *Mais vale um jegue que me carregue do que um camelo que me derrube... lá no Ceará*, como marco da institucionalização da comercialização dos enredos. Isto se justifica pelo apoio financeiro à escola através da captação articulada pelo então governador Tasso Jereissati (PSDB) junto a empresários do seu estado, o que teve grande consagração pela conquista do carnaval pela Imperatriz”.

entendido como um celeiro importante para o país através da sua produção agrícola e criação de gado. Além disso, nas narrativas apresentadas se fortalece a imagem de uma população branca, principalmente através das abordagens relacionadas à Festa da Uva. Essas *formas de composição*, porém, são fruto das *condições de composição* do período, que era nacionalista, destacando especificidades e potencialidades regionais, e de combate ao “perigo vermelho”. Mesmo assim, podemos identificar algumas “resistências”.<sup>49</sup> Um exemplo é a homenagem a Anita Garibaldi, quando as próprias mulheres da escola de samba *Aprendizes da Gávea* se recusaram a sair como “guerreiras” e preferiram sair como damas. É provável que a proposta da escola em apresentar uma outra possibilidade de ser mulher não se “encaixou” com a representação que as mulheres da escola queriam fazer delas mesmas, de acordo com os ideais da época. A *Unidos do Cabuçu*, ao trazer a presença indígena no Rio Grande do Sul, também destoou das narrativas anteriores, ainda mais quando se refere aos bandeirantes como “cruéis”, já que muitos sambas anteriores consideravam os “desbravadores” do interior do Brasil, “heróis” importantes da nossa história. Para seguirmos, vamos pensar em como as *formas de composição* auxiliaram na busca de patrocínio.

O encarecimento dos desfiles não passou despercebido pelas escolas de samba. No carnaval de 1980, a *União da Ilha do Governador* já cantava: “Não tenho luxo e nem riqueza / Há simplicidade e beleza / Na festa do seu coração / Muito bom / O meu bonito é barato / Na simpatia, o retrato / Do povo no carnaval”<sup>50</sup>. Mas, na busca pelo luxo saiu a *Caprichosos de Pilares* rumo a Caxias do Sul. A escola representada pela diretora Clotilde Annechino e pelo cenografista Roberto de Rodrigues concedeu entrevista coletiva direto dos “escritórios da Festa da Uva”. Clotilde afirma que “havia necessidade de introduzir nas escolas de samba um tema novo, porque o tema de História do Brasil já estava cansando”. Embora o tema, como vimos, não fosse novo, os dois informam que buscavam subsídios, informações para a elaboração do enredo, como foi feito pela *Unidos de São Carlos*, e garantem: “o samba-enredo de nossa escola de samba vai fazer sucesso, pois abordaremos os aspectos tradicionalistas e regionais desta festa que conhecíamos do Rio de Janeiro”. Segundo Roberto de Rodrigues, após a explicação sobre a origem do vinho, vem a segunda parte, que “é a imigração italiana; e a terceira é a Festa da Uva de Caxias, seu surgimento e a forma de implantação do certame”. O encontro também acertou que dos 1.800 integrantes da escola de samba, “cerca de 200 deverão estar presentes durante a Festa da Uva de 1978” (PIONEIRO, 15.10.1977, p. 8).

No mês de janeiro, com a aproximação do desfile, os 1.800 integrantes já eram 2.200 que, em breve, estariam “vestidos com fantasias alusivas à uva e ao vinho, numa homenagem à imigração italiana e à Festa da Uva”. Segundo a reportagem, havia uma grande coincidência,

---

<sup>49</sup> Sobre os contextos e as mudanças temáticas dos enredos e, conseqüentemente, dos sambas-enredo, Luiz Antonio Simas e Fábio Fabato (2015, p. 30) sugerem que entre os anos 1950 e 1960, “o crescimento dos movimentos de libertação nacional colocou a África em evidência e redimensionou aqui a importância do legado africano para o Brasil. A Mama África começou a ser reconhecida, imaginada, mitificada, reconstruída e inventada nas avenidas brasileiras”.

<sup>50</sup> **Bom, bonito e barato**, samba-enredo 1980, GRES União da Ilha do Governador. Compositor: Aroldo Melodia. Disponível em: <https://bityli.com/mTxMw> Acesso em: 07.03.2021.

já que o carnaval antecederia o evento, “fazendo com que haja um aproveitamento muito maior na promoção” (PIONEIRO, 28.01.1978, p. 22). Além disso, era considerado importante para a propaganda da Festa a divulgação do samba-enredo:

(...) No sul do país, o imigrante italiano / Cultivou, a primeira videira / Foi feliz, com a fertilidade / Da terra brasileira / Atualmente de 3 em 3 anos / Caxias do Sul se enfeita / Graças a Joaquim Pedro Lisboa / Criador, de uma feira exposição / A qual denominou Festa da Uva / Em homenagem à imigração / Tem churrasco e chimarrão / E o vinho do Garibaldi / Que é pra lá de bom / Ô tchê ô tchê ê ê, vamos beber / Diz o gaúcho delirando de prazer (...).<sup>51</sup>

A viagem dos integrantes da *Caprichosos* rendeu uvas para a escola. Isso faz com que, para alguns, ela seja “a primeira escola de samba a ter um desfile com patrocínio” (DATTOLI, s/d, p. 65). O “Jornal do Brasil” informou que “um caminhão frigorífico com 20 mil quilos de uvas” saiu de Caxias do Sul em direção ao Rio de Janeiro. Ainda, segundo a reportagem do jornal, a *Caprichosos de Pilares* “distribuirá [as uvas] na Avenida, durante o seu desfile, como parte do seu enredo”. Flavio Ioppi, presidente da Festa Nacional da Uva, naquela edição, e os demais organizadores acreditaram na boa promoção a partir do “desfile dos sambistas” (JORNAL DO BRASIL, Primeiro Caderno, 28.01.1978, p. 8). Existia uma perspectiva de retorno positivo para a festa realizada no Rio Grande do Sul com a doação das uvas.

Negrinho do Pastoreio, mencionado em 1970 na *Vila Isabel*, retorna aos desfiles do carnaval carioca a partir do enredo desenvolvido pela *Tupy de Brás de Pina*, em 1981. A escola, “fundada em 20 de março de 1948, como bloco”, transformando-se em escola de samba em 1955, cantou em azul e branco a lenda gaúcha (JORNAL DO BRASIL, 21.02.1982, p. 11). O desfile, a princípio, não teve muita repercussão na imprensa, mas o samba-enredo faz referência à existência de um sistema escravista violento no Brasil meridional em seus versos iniciais:

Através da nossa história / Na imensidão dos pampas / Rodas formadas / De muitos peões / Numa estância / Situada nos sertões / Um rico / E poderoso estancieiro / Mal e perverso / Na era do cativo, / O terreirão da casa-grande / Foi o palco / De uma vilania monstrual / Sua causa a derrota de um baio, / Em fuga da tropilha no curral / O negrinho, filho de escravos / Mito do folclore brasileiro / Personagem principal / Desta história torturado / Na boca de um formigueiro, / [...].<sup>52</sup>

A escola consegue, no mínimo, evidenciar outras histórias para a população do Rio Grande do Sul. Em 1982, a crítica ao surgimento das “super escolas de samba” ganha repercussão com o campeonato conquistado pelo *Império Serrano*. As carnavalescas Rosa

---

<sup>51</sup> **Festa da Uva no Rio Grande do Sul**, samba-enredo 1978, GRES Caprichosos de Pilares. Compositores: Ratinho e Valadão. Disponível em: <https://bityli.com/MWOrx> Acesso em: 16.01.2019.

<sup>52</sup> **Negrinho do Pastoreio**, samba-enredo 1981, GRES Tupy de Brás de Pina. Compositores: Ariel Matias, Walter Gaguinho e Luiz Reza Forte. Disponível em: <https://bityli.com/sKdFK> Acesso em: 16.02.2019.

Magalhães e Lícia Lacerda destacam, na sinopse do enredo, a ideia de percorrer os desfiles desde os anos 1930 até os anos 1980. Tudo tinha se transformado em “super”:

O super desfile com a super-campeã que naturalmente possui um super-carro repleto de super-mulheres. Nem sempre há um super-samba, mas há o super-gasto. Embora Joãozinho Trinta tenha já se destacado na época do Salgueiro, na Candelária, trabalhando com a dupla Arlindo e Pamplona, foi na Beija-Flor de Nilópolis que deu seu verdadeiro grito de independência, ditando regras e afirmando categoricamente que carnaval é luxo e riqueza.<sup>53</sup>

O “super desfile” da escola “super-campeã” exige um “super-gasto”, afinal o carnaval tinha se transformado em “luxo e riqueza”, fazendo com que os enredos fossem se alterando também. Na letra do samba-enredo apresentado, com autoria de Beto Sem Braço e Aluísio Machado, o *Império Serrano* faz o alerta, dizendo que as “Super Escolas de Samba S.A.” e suas “Super alegorias” acabam “Escondendo gente bamba”, considerando isso uma “covardia”. No início da década de 1990 a prisão dos principais bicheiros da cidade, incentivadores de diversas das escolas de samba do Rio de Janeiro, gerou insegurança na preparação dos desfiles. De acordo com Luiz Anselmo Bezerra (2018) essa situação intensificou a “comercialização” de enredos. Essas novas formas de exploração dos enredos auxiliam na volta do Rio Grande do Sul ao samba carioca em 1994. Quem vai possibilitar esse retorno é a *Mocidade Unida de Santa Marta*, que surge como “a primeira escola de samba dissidente da Zona Sul”. Ela “rompe” “com a escola de samba São Clemente – que até então monopolizava o título de escola da comunidade do morro Dona Marta (...)”. O surgimento dessa nova escola tem relação com as críticas realizadas pelo *Império Serrano* no início dos anos 1980. Segundo José Diniz, presidente da agremiação fundada em 1992, “queremos dar uma chance aos sambistas da comunidade do morro. Quando a São Clemente se tornou grande, perdemos espaço”. Sendo assim,

a ideia de criar uma nova escola de samba surgiu de um patrono – cujo nome a diretoria insiste manter em segredo por enquanto – que doou 150 fantasias no início do ano quando ouviu o vice-presidente da São Clemente, Roberto Almeida Gomes, que a escola amarelo e preta era de classe média. Ele ficou revoltado com a afirmação de que o morro Dona Marta, onde está localizada uma das mais conhecidas favelas do Rio, não era importante para a São Clemente e começou a mobilizar a comunidade (JORNAL DO BRASIL, Cidade, 04.07.1992, p. 5).

A dissidência surge como tentativa de devolver para a comunidade do Morro Dona Marta a possibilidade de desfilarem em uma escola de samba, já que, aparentemente, a *São Clemente* havia crescido e exigia mais recursos financeiros para a presença dos componentes no desfile. E o problema vinha dessa escola que em 1990 cantava ter “saudade da Praça Onze e dos

---

<sup>53</sup> **Bum-bum paticumbum prugurundum**, sinopse e samba-enredo 1982, GRES Império Serrano. Compositores: Beto Sem Braço e Aluísio Machado. Disponível em: <https://bitly.com/YBrxp> Acesso em: 09.03.2021.

grandes carnavais, antigo reduto de bambas, onde todos curtiam o verdadeiro samba”. Naquele ano, a *São Clemente* desfilou criticando as transformações no carnaval, denunciando que “nosso povão ficou fora da jogada, nem lugar na arquibancada ele tem mais pra ficar”<sup>54</sup>. O fato é que surge a *Mocidade Unida de Santa Marta*, que, em 1994, apresenta o enredo “Um Passeio nos Pampas” (JORNAL DOS SPORTS, Futebol, 02.10.1993, p. 7). Nos anos 1990, retorna à passarela do samba, também, a Festa da Uva.

Em 05 de maio de 1995, o prefeito de Caxias do Sul, Mário Vanin (1941-2011), anunciou “que a Escola de Samba Vila Isabel, do Rio de Janeiro, terá como tema o Rio Grande do Sul e um dos destaques será a Festa da Uva” (PIONEIRO, 05.05.1995, p. 4). O enredo é entendido como uma “divulgação especial” ou “adicional”, pois o desfile aconteceria três dias antes do início da festa caxiense (PIONEIRO, 06 e 07.05.1995, p. 4), muito próximo dos objetivos com o desfile da *Caprichosos* no final dos anos 1970. Em setembro, o carnavalesco Max Lopes já iniciava suas vindas ao Rio Grande do Sul. Afirmou que estava “tentando executar um projeto que vai [transformar a *Vila Isabel*] numa espécie de empresa sem deixar de lado a tradição e a cultura que sempre caracterizaram” (PIONEIRO, 06.09.1995, p. 3). Teve contatos com o governo gaúcho e apresentou o enredo para o prefeito de Caxias do Sul, para o Serviço Municipal de Turismo, estando presente em solo gaúcho em vários momentos que antecederam a apresentação da escola. Apresentou, inclusive, como havia dividido o enredo:

A primeira [parte] é uma alusão à bandeira, ao brasão e à beleza da mulher gaúcha. A presença da ex-Miss Brasil, a gaúcha leda Maria Vargas, já está confirmada para essa etapa da apresentação. A segunda fase representa a invasão espanhola, a guerra das Missões, o romance *O Tempo e o Vento*, de Ércio Veríssimo, e o índio Sepé Tiaraju. A parte três é o fim da província, Porto dos Casais, açorianos, charqueadas e congadas de Moçambique (homenagem ao negro) (PIONEIRO, 28 e 29.10.1995, p. 2).

A *Vila Isabel* parece condensar tudo que já havia sido apresentado sobre o Rio Grande do Sul nos anos anteriores. Festa da Uva, churrasco e chimarrão estão presentes, mas a abordagem se amplia.<sup>55</sup> O samba-enredo lembra que “São Pedro do Rio Grande do Sul / Se faz província, ganha capital / Porto dos Casais tem charqueadas / Lanceiros Negros dançam nas congadas”<sup>56</sup>. Com a proximidade do desfile, as negociações para um possível patrocínio parecem ficar mais acirradas. Em novembro, teve encontro com o governador Antônio Britto e com a Secretaria Estadual de Turismo (PIONEIRO, 08.11.1995, p. 4). No mês seguinte em encontro com os organizadores da Festa da Uva, “os dirigentes da escola informaram que a

---

<sup>54</sup> **E o samba sambou**, samba-enredo 1990, GRES São Clemente. Compositores: Helinho 107, Mais Velho, Nino e Chocolate. Disponível em: <https://bitly.com/TwKnP> Acesso em: 09.03.2021.

<sup>55</sup> Muitos gaúchos participaram do desfile. Para eles, como sugere Estélio Gomberg (2010, p. 242), “a responsabilidade da participação somou-se à concretização de um sonho ao mesmo tempo em que possibilitou a celebração do Rio Grande do Sul como enredo de escola de samba no Rio de Janeiro. Samba, fantasias e alegorias colocam em cena as imagens do gaúcho, construindo uma narrativa em que ele é celebrado”.

<sup>56</sup> **A heroica cavalgada de um povo**, samba-enredo 1996, GRES Unidos de Vila Isabel. Compositores: Tião Grande e Cafu Ouro Preto. Disponível em: <https://bitly.com/jiwur> Acesso em: 17.01.2019.

rainha e as princesas do evento vão desfilar num carro alegórico especial” (PIONEIRO, 16 e 17.12.1995, p. 4). Porém, os esforços parecem ter sido em vão. Em depoimento que antecedeu o desfile da escola, o presidente Valter Lopes disse: “A única coisa que recebi do governo do Rio Grande do Sul foram cinco caixas de fios para ligações elétricas. Três tinham apenas fios queimados”. A imprensa caxiense criticou o desfile, principalmente a pouca aparição do carro da Festa da Uva. O jornal Pioneiro chegou a dizer que existia uma piada circulando pela cidade: “- Sabe por que a Globo ignorou a passagem da rainha e princesas da Festa da Uva no Sambódromo? Elas estavam vestidas”. Na mesma edição, é comentado que o governo estadual emitiu nota informando que havia deixado “claro que não tinha verbas para auxiliar a escola” (PIONEIRO, 21.02.1996, p. 8).

“Na cadência da grana” é o título da reportagem realizada pelo Jornal do Brasil, em janeiro de 1996, que considerava os “enredos sob encomenda” obrigatórios para o carnaval de 1996 e futuros. Albino Pinheiro “resume a crescente comercialização do carnaval carioca. Para ele, transformar um enredo em chamariz de patrocinadores é mais uma forma de [lutar] a guerra de luxo e sofisticação que tomou o [lugar] na passarela, do tradicional samba no pé” (JORNAL DO BRASIL, 14.01.1996, p. 35). Para o carnaval de 2002, por exemplo, a *Unidos do Porto da Pedra* fez uma homenagem à cidade de Petrópolis, com o enredo “Serra acima, rumo à terra dos Coroados”. O presidente da escola informou que para aquele desfile o investimento foi de R\$ 2 milhões: “recebemos cota da Prefeitura de Petrópolis, da Prefeitura de São Gonçalo e da LIESA e ensaios na quadra” (O FLUMINENSE, 10 e 11.02.2002, p. 5). Quem sabe esperando incentivo parecido, a *Caprichosos de Pilares* apresentou naquele mesmo ano o enredo “Deu pra ti! Tô em alto astral! Tô com Porto Alegre, trilegal!”. A escola atravessou a avenida cantando:

Vem, amor / Eu sou Porto Alegre na avenida / Índio jovem, vim do sul,  
paraíso, céu azul / Vou cantando a minha vida / Eu te chamei primeiro  
Porto dos Casais / Troquei, fiquei prosa / Na guerra eu fui mui leal e  
valorosa / Liberta, irmão, essa escravidão / Eu sou orgulho da nação /  
Getúlio é macho é firme e forte! Amei! / Sou gaúcho e tenho sorte! Eu  
sei! / De bombacha e chimarrão sou alto astral / Sou sedução, sou  
trialegre e trilegal / (...).<sup>57</sup>

Nos dias que antecederam o desfile, o carnavalesco Jaime Cezário afirmou: “investimos alto, sem a ajuda de empresários ou do governo do Rio Grande do Sul” (O FLUMINENSE, 2º Caderno, 06.02.2002, capa). O décimo segundo lugar conquistado pela *Caprichosos* não intimidou a *Beija-Flor de Nilópolis*. Em maio de 2004, o presidente da escola, Anísio Abraão, anunciou “na sede da Secretaria do Turismo (Setur), em Porto Alegre, que o samba-enredo da escola para o carnaval de 2005 será o Rio Grande do Sul”. Naquele mesmo momento, “ficou definido que a escola terá que fazer um projeto para captar recursos junto ao Ministério da Cultura através da Lei Rouanet e no estado através da Lei de Incentivo à Cultura (LIC)”. O

---

<sup>57</sup> **Deu pra ti! Tô em alto astral! Tô com Porto Alegre, trilegal!**, samba-enredo 2002, GRES Caprichosos de Pilares. Compositores: Mazarim e André Fullgáz. Disponível em: <https://bityli.com/pQQvE> Acesso em: 17.01.2019.



interesse do governo do estado já destoava dos anos anteriores, auxiliando na busca de caminhos possíveis para a conquista de verbas. Mas, foi além:

O secretário do Turismo, Luís Antonio Lara, destacou que fará de tudo junto a empresas e entidades representativas do comércio e indústrias do estado para captar os R\$ 3 milhões necessários para o desfile. Lara observou que o Governo do Estado não investirá, mas auxiliará na captação dos recursos. Estiveram presentes na reunião, o puxador da escola, Neguinho da Beija-Flor, o presidente da escola, Anísio Abraão, o jornalista Cláudio Brito, o poeta Luís Coronel, o prefeito de São Miguel das Missões, Mario Nascimento, o prefeito de Nilópolis (RJ), além de diretores e carnavalescos da escola bicampeã do carnaval carioca.<sup>58</sup>

Deu certo! O Rio Grande do Sul pode comemorar um título no grupo principal das escolas de samba do Rio de Janeiro. O governador Germano Rigotto, festejando o tricampeonato da *Beija-Flor de Nilópolis*, comentou: “estou muito feliz por termos estimulado a Beija-Flor a assumir o enredo que mostra um pouco do que foi o choque dos jesuítas com os índios e a formação épica do nosso povo, com suas várias correntes migratórias”<sup>59</sup>. No samba-enredo cantado pela escola, o “choque” mencionado pelo governador, parece minimizado no trecho: “Unir as raças pelo amor fraternizar / A Companhia de Jesus / Restaura a fé e a paz faz semear / Os jesuítas vieram de além-mar / Com a força da fé catequizar... e civilizar / (...)”<sup>60</sup>. Dorotéo Fagundes também comemorou o título. A partir de uma perspectiva de hierarquização cultural, considera que, “se o carnaval um dia foi sem fundamento”, o título da Beija-Flor de Nilópolis prova a “nacionalização” da “cultura gaúcha”, fazendo o regional “se firmar cada vez mais”, naquele momento, “no Sambódromo feito pelo gaúcho Leonel Brizola” (PONTO INICIAL, 15 a 28.02.2005, p. 10). Tal feito do político foi lembrado pela *Inocentes de Belford Roxo* no carnaval de 2009, quando cantou que Brizola “Trouxe a modernização / E nasce o palco desta festa genial”<sup>61</sup>.

## Dispersão

“O desfile das escolas de samba faz parte de práticas culturais que se reproduzem e se transformam dentro de determinado processo histórico” (SANTOS, 2006, p. 116). Sendo assim, foi possível perceber as transformações nas práticas dos desfiles a partir dos enredos que tiveram como tema o Rio Grande do Sul. Foi possível acompanhar a “profissionalização” dos

<sup>58</sup> Disponível em: <https://bityli.com/NWauE> Acesso em: 06.02.2021.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://bityli.com/Xavib> Acesso em: 06.02.2021.

<sup>60</sup> **O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani, sete povos na fé e na dor... Sete missões de amor**, samba-enredo 2005, GRES Beija-Flor de Nilópolis. Compositores: JC Coelho, Ribeirinha, Adilson China, Serginho Sumaré, Domingos PS, R. Alves, Sidney de Pilares e Zequinha do Cavaco. Disponível em: <https://bityli.com/qRxtV> Acesso em: 17.01.2019.

<sup>61</sup> **Do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro a Inocentes canta: Brizola, a voz do povo brasileiro**, samba-enredo 2009, GRES Inocentes de Belford Roxo. Compositores: Billy Country, Ediespuma, Abilio Mestre-Sala, Licinho Jr., Marcelinho Santos e Alex Bahia. Disponível em: <https://bityli.com/MGsDu> Acesso em: 17.01.2019.

desfiles, a valorização dos sambistas em suas áreas específicas, como porta-bandeira, batuqueiro, compositor, baliza, cenógrafo, carnavalesco, entre outras possibilidades. A festa se agigantou e os desfiles, a cada ano, ficaram mais caros. As diversas atividades realizadas pelas escolas de samba para angariar fundos para seus desfiles contaram com “o ‘patronato’ público”, que garantiu “a manutenção e expansão deliberada das artes como uma questão política pública geral” (WILLIAMS, 1992, p. 43). Mas, principalmente a partir dos anos 1960, o Estado já não conseguia financiar a festa sozinho, e o “patrocínio inicial do governo [foi] substituído por investimentos diversos, quer do próprio governo, quer de indústrias e de chefes da contravenção” (SANTOS, 2006, p. 116), e por governos estaduais (não só o Rio de Janeiro) interessados em apoio eleitoral ou em propaganda turística de suas regiões. Assim, se percebe que as transformações ocorridas nos desfiles das escolas de samba estão relacionadas “com o mercado capitalista, com o turismo, com a indústria cultural e com as formas atuais de arte, comunicação e lazer” (SCHMIDT, 2019, p. 51).

Nesse processo, o Rio Grande do Sul se transforma em um dos apoiadores da festa carnavalesca no Rio de Janeiro. Os enredos que trataram do estado até o final dos anos 1970 tinham um viés patriótico, de valorização das belezas naturais e do povo brasileiro nas mais diversas regiões. A terra fértil e o povo trabalhador são representados em diferentes ocasiões. Mas, a partir de 1978, a busca por patrocínio entra nos enredos. A representação da *Caprichosos de Pilares* informava, em Caxias do Sul, que no samba-enredo seria abordado “os aspectos tradicionalistas e regionais”. Garante como seria sua *forma de composição* e ganha uvas para o desfile. A *Vila Isabel* e a *Caprichosos* fizeram novas tentativas nos anos 1990 e 2000. Mesmo ampliando suas abordagens, contemplando negros<sup>62</sup>, indígenas e a cidade de Porto Alegre, não levaram. Quem consegue o campeonato e o incentivo do governo gaúcho é a *Beija-Flor*. Sua abordagem não era uma novidade. Mas, era possuidora de oito títulos e buscava o terceiro consecutivo. A trajetória da *Beija-Flor de Nilópolis* era mais vitoriosa que suas rivais na busca do incentivo. Foi nela que o governo gaúcho decidiu investir!

#### **Jornais consultados:**

A Manhã, A Noite, Correio da Manhã, Diário Carioca, Diário da Noite, Diário de Notícias, Jornal do Brasil, Jornal dos Sports (editados na cidade do Rio de Janeiro), O Fluminense (editado na cidade de Niterói), Pioneiro e Ponto Inicial (editados na cidade de Caxias do Sul). A consulta a eles se deu através do repositório digital da Biblioteca Nacional e do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul.

#### **Referências bibliográficas:**

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Tradução de Magda Lopes. Bauru/SP: Edusc, 1998.

---

<sup>62</sup> Aqui o termo negro é utilizado como sugere George Reid Andrews (1998, p. 21), ou seja, “para se referir tanto às pessoas de raça negra pura quanto aos mestiços de ancestralidade negra, chamados no Brasil de pretos (negros) e pardos (mulatos)”. Ainda segundo o autor, “isto corresponde ao uso brasileiro atual, que tende a agrupar os pardos e os negros sob o título de negros”.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BEZERRA, Luiz Anselmo. **As transformações nas redes de financiamento das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro (1984-2015)**. 2018. 302 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

CARDOSO, Lourenço. O branco não branco e o branco-branco. In: MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017, p. 175-196.

DATTOLI, Vicente. Sob um céu de estrelas. In: FABATO, Fábio (org.). **As primas sapecas do samba**. Rio de Janeiro: Novaterra, [s/d], p. 62-66.

GOMBERG, Estélio. Paixões e rivalidades futebolísticas em um desfile de escola de samba no Rio de Janeiro. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 233-244, nov. 2010.

GUIMARÃES, Valéria Lima. **O PCB cai no samba**: os comunistas e a cultura popular, 1945-1950. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Dicionário da história social do samba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

NATAL, Vinícius F.; FERREIRA, Felipe. Miguel Moura: negritude, pintura e carnaval nas artes cariocas. In: BARONE, Ana; PINHEIRO, Gleuson; FEITOSA, Maria (org.). **Samba e cidade**. São Paulo: Intermeios, 2021, p. 93-114.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. A imaginação social dos sambas-enredo. In: NEVES, Luiz F. B. **O paradoxo do coringa e o jogo do poder & saber**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda., 1979, p. 57-69.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). **Um século de favela**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 115-144.

SIMAS, Luiz Antonio; FABATO, Fábio. **Pra tudo começar na quinta-feira**: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

SCHMIDT, Diogo Serafim. **Tradição e modernidade cultural nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro (1982-2019)**. 2020. 360 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SIQUEIRA, Magno Bissoli. **Samba e identidade nacional**: das origens à era Vargas. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio. **Serra, serrinha, serrano: o império do samba**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. Tradução: André Glaset. São Paulo: Unesp, 2014.